

(CARTO)GRAFIAS AO SUL DO OLHAR – TRAVESSIAS DO ESTRANGEIRO
EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

Amilton José Freire de Queiroz (UFAC/UFRGS)¹

RESUMO:

Narrativa guarnecida pela tradução de culturas híbridas, *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, joga o leitor dentro da trama das relações de contato entre América, Ásia e, Europa, cartografando a experiência de personagens que rompem as fronteiras do Líbano, Índia e França para trilhar as veredas de uma porção do Brasil alcunhado de Manaus. Em face desse feito movente, o texto hatouniano será lido a partir do horizonte teórico-metodológico da Literatura Comparada e dos Estudos Pós-coloniais, aportando na finalidade de intersectar os trânsitos e recortes culturais de personagens que saem de suas pátrias imaginárias e se alojam no mundo manauara para projetar marcas e marcos de múltiplas de alteridades em devir.

Palavras-chave: Figuração, Estrangeiro, Olhar, Sul, Travessias.

1. Entre o próprio e o alheio –percursos da tradução do outro de si

De autoria de Milton Hatoum, o romance *Dois Irmãos* configura o percurso da tradução do outro de si em meio à confluência da resignificação do deslocamento para além da territorialidade que maximiza o local em detrimento do global. Por sua vez, a inter-relação entre o próprio e alheio (CARVALHAL, 2005) faz parte da projeção de uma voz narrativa que fricciona, dialogicamente, transitividades, figurando a passagem dentro/fora da margem de si preenchida pela latência da trama polifônica do outro em devir.

Hospedando seres em deriva, a narrativa hatouniana cartografa a história de vidas que se despem da clausura do medo de interagir com o outro, descerrando as janelas do imaginário de personagens cujas marcas da estrangeiridade de si atuam como bússola diretiva rumo ao reconhecimento de outras estrangeiridades. As prospecções desse estágio de correlações atizam os sensores da construção de uma poética da relação assentada nas fissuras do desenraizamento, bem como da ampliação de claves narrativas cujas fraturas derivam de um imaginário que se esquiva da tutela do engessamento das alteridades.

Harmonizando timbres agudos, médios e graves de sotaques diferentes, o narrador de *DI* é o manauara/brasileiro/latino-americano Nael. Esse sujeito mediador atravessa o labirinto da rede de contato entre estrangeiros que se encontram no limiar do

¹ Professor do Colégio de Aplicação da UFAC . Doutorando em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. amiltqueiroz@hotmail.com.

reconhecimento de suas estrangeiridades linguísticas, culturais, espaciais, temporais e estéticas.

Como tradutor da margem alheia e própria, Nael borda os fios da pertença de agentes de diferença que habitam lugares sociais estratégicos, relendo e reescrevendo os vestígios de outras marcas identitárias construídas no contato entre os de fora e os de dentro no imaginário amazônico.

A trajetória da tradução do outro de si de Nael abre caminhos para figurar a consciência de um entrelaçamento cósmico entre o universo como uma rede de relações desenvolvidas em uma infinidade de direções liminares. Essas arremessam o leitor perante um coral de vozes cuja harmonia pauta-se pela coabitação de culturas paralelas e transversais da geografia de contatos, interpenetrações e interconexões, conforme se poderá verificar no próximo tópico.

2. (Topo) grafias do outro – encontros entre Líbano, Índia, França em Manaus

Assumindo o *entre-lugar* como *locus* de registro das marcas da presença alheia, o narrador brasileiro Nael reconstrói, mosaicamente, os imaginários de “outras terras”, outros além-mares e outros saberes, ampliando o espectro da figuração do outro na territorialidade manauara. Um primeiro horizonte cultural estrangeiro agrega o ciclo da vida de Halim, que sentencia:

“Eu era moleque, e eles curumins que carregavam tudo, iam dos barcos para o alto da praça, o dia todo assim. Eu vendia tudo de porta em porta. Entrei em centenas de casas de Manaus, e quando não vendia nada, me ofereceram guaraná, banana frita, tapioca com café. Em vinte e poucos, por aí conheci o restaurante do Galib e vi Zana... Depois, a morte do Galib, o nascimento dos gêmeos...” (HATOUM, 2000, p. 133).

O estrangeiro interage com o espaço manauara, passando a infância mergulhado na tradução dos signos da cultura de outrem. Ele penetra no interior das casas, consegue articular uma gama variada de possibilidades de vivência, não se eximindo à tarefa de escrever o curso de uma história marcada pela saída do território do consolo para angariar direções abertas na edificação de uma alteridade cindida. Com vinte anos, encontra os de sua terra libanesa na cidade de Manaus, conquista a amada Zana e tem os filhos brasileiros, gêmeos, Omar e Yaqub, e Rânia, o primeiro acompanhado

milimetricamente para genitora e o segundo e a terceira deixados mais aos cuidados da índia manaura Domingas.

Saído do mundo libanês, mas trazendo em si os vestígios de sua pertença estrangeira, diluída na caminhada e adoção das fronteiras simbólicas amazônicas, Halim despe-se da mentalidade monovocal que apaga as garatujas da relação com o outro de si. Ele vasculha a parede de sua memória para verticalizar os horizontes do terreno da tradução de geografias provisórias acopladas à reescrita de tranças culturais onde o outro não é receptáculo da sacralização do mesmo. Ao contrário, é força motriz para angariar vértices de compreensão mais atentos ao fluxo do testemunho do outro como via de mão dupla. Assim, oscilando a projeção do olhar, Nael continua a tradução do destino do avô:

Estava envelhecendo, o Halim: uns setenta e tantos, quase oitenta, nem ele sabia o dia e o ano do nascimento. Dizia: “Nasci no fim do século passado, em algum dia de janeiro... A vantagem é que vou envelhecendo sem saber minha idade: “sina de imigrante”. No entanto, as pelancas ainda pelejavam para tirar-lhe toda a rigidez dos músculos (HATOUM, 2000, p. 151).

Nael escava os fragmentos da memória de Halim – sujeito posicionado nos frames temporais dos quase oitenta anos e que não sabe muito bem o mês de nascimento. O estrangeiro desvencilha-se da perspectiva de uma vida timbrada pela linearidade, jogando-se ao ritmo das novas experiências por que passa na territorialidade manauara. “*A sina de migrante*” atravessa Halim, tornando-o participante de uma constelação do trânsito pelo espaço alheio. Um transitar que dá ao libanês a chave para entrar na casa de sua vontade e fazê-la ramificar-se em direção ao registro da passagem que adiciona a flutuação de múltiplas práticas culturais.

Percebe-se, outrossim, a interligação de estrangeiridades cujas ramificações desembocam na projeção da cultura como contingência agregadora da diferença enquanto lugar de problematização dos estágios relacionais entre sujeitos que cruzam territorialidades diversas para expandir a plasticidade das triangulações dentro/fora dos imaginários intercambiáveis. Por sua vez, Halim sentencia:

[...] Depois a vida foi dando voltas, foi me cercando, me acuando... A vida vai andando em linha reta, de repente dá uma cambalhota, a linha dá um nó sem ponta. Foi assim... A morte do pai dela, o Galib... A morte à distância, a dor que isso causa, eu entendo... Um pai... eu

nunca soube o que significa... não conheci nem pai nem mãe... Vim para o Brasil com um tio, Fadel (HATOUM, 2000, p. 180).

Tocada a sutileza da estranheza dos filhos, Halim rememora as cenas da conquista da esposa, traduzindo o movimento da vida no mundo amazônico. O libanês tem a consciência de que sua trajetória alterna circularidades que tonificam a cadeia de variação do imaginário colocado em diálogo. A vida do passante estrangeiro é adulterada pelo ritmo do encontro com outras temporalidades e performances, rasgando os limites da paralisia dentro da territorialidade escorregadia da memória alheia.

Dessa forma, o movimento para além do mesmo coaduna-se ao exercício da mobilidade cultural evocada pela saída da linha reta vivida por Halim e (re)tramada através da imprevisibilidade das “cambalhotas” do contato com outros sujeitos de diferença encontrados na paisagem manauara. A imagem da “linha que dá um nó sem ponta” é muito significativa, pois advoga a favor da sinuosidade da vida do estrangeiro, figurado na encruzilhada do reconhecimento de sua faceta inacabada que solicita a constrição com outras alteridades.

Deslocado dos parapeitos de certezas consoladoras, Nael ousa sair em travessia à procura dos sinais de reconfigurações culturais do libanês Halim, arremesando-se a revisitar, reescrevendo, o roteiro de uma cidade (des)imantada por uma memória-palimpsesto cujas imagens cadenciam o perfil do avô naufrago. O trânsito do neto de Halim coloca em relevo a atmosfera rarefeita do encontro de margens culturais, ultrapassando o bloqueio da representação binária das redes de contatos, içando-as a partir de triangulações atlânticas desdobradas em vários cruzamentos culturais.

Depois da morte de Halim, a casa começou a desmoronar. Omar foi ao enterro, mas permaneceu distante, tão distantes que o irmão, mesmo ausente, parecia mais próximo da despedida do pai. Yaqb mandara entregar no cemitério uma coroa de flores e um epitáfio, que Talib traduziu e leu em voz alta: *Saudades do meu pai, que mesmo à distância sempre esteve presente* (HATOUM, 2000, p. 220).

Ao trazer à superfície a morte do avô, o brasileiro Nael entrelaça os vestígios da aderência ao outro não como mero receptáculo das idiossincrasias do logocentrismo; ao contrário, os rastros do outro servem de corte sincrônico e diacrônico para sondar os meios pelos quais se dão os embates de aceitação, problematização e reconhecimento do outro enquanto portador de variantes de alteridades que descalcificam a postura intransigente de vilipendiar o outro em detrimento do mesmo.

O percurso da figuração do estrangeiro Halim coaduna-se, assim, à premissa da construção de uma *“pátria itinerante a emergir de espaços de migração fornece a imagem de novas formas de relações identitárias que se deixam interpenetrar pela pluralidade e pela hibridez de diversos cruzamentos culturais e territoriais* (FANTINI, 2004, p.95). A casa dos libaneses no mundo amazônico constitui, indo na direção do que aponta a pesquisadora mineira, esse *“espaço de migração”*, de deslocamento, de convivência, de aprendizagem, de solidariedade e cooperação, mas também se apresenta como espaço de fricção, de resistência e tensão que acolhe ainda a transitoriedade, a fluidez e a errância da vida do indiano Rochiram.

Deixando interpenetrar-se pela pluralidade de horizontes testemunhais da diferença, o narrador mediador Nael cartografa um segundo veio de solidariedade com o mundo através da projeção da trajetória enviesada do empresário indiano Rochiram, que *“falava devagar em inglês e espanhol as frases que pensava em dizer em português”* (HATOUM, 2000, p. 225). Marcado pela hibridez de seu imaginário, Rochiram quebra as horizontalidades da geografia unívoca da presença, agregando justaposições e disjunções cujas marcas desvelam as camadas mais profundas do processo de interação entre as paisagens da memória dos passantes da cultura manauara. Os cruzamentos oriundos do encontro entre os desejos dos de fora e dos de dentro esgarçam, portanto, o limite das pertencas, performatizando outros gestos articulatórios que reposicionam os saberes para além do simples contato.

Ao entrar em relação com o espaço amazônico, o indiano carrega as verticalidades de sua memória tecida na brecha da cultura oriental, atravessada simultaneamente pelo adicionamento construtivo do imaginário da pátria imaginária brasileira, culminando na conjugação da perspectiva da multiplicidade de olhares radicados no paradigma dos processos culturais da tradução da margem própria, que cede espaço ao outro de si na paisagem do diálogo em constante movimento.

Rochiram, o visitante, era um indiano que falava devagar, sussurrando em inglês e espanhol as frases que pensava dizer em português. Quando abria a boca, dava a impressão de que ia contar um grande segredo. Reparei com curiosidade no homenzinho moreno, nariz de filhote de tucano, camisa e sapatos ordinários. Mas o anel de ouro e rubi na mão direita valia mais que uma década de labuta de um homem comum. No rosto surgia um sorriso pensado, maquinal, e quase tudo no seu corpo contrariava a espontaneidade. Esse homem de

gestos ensaiados observou a casa e seus recantos, notou que estava cativando Zana, e que uma confiança mútua era possível (HATOUM, 2000, p. 225).

Partindo da descrição do aspecto físico e chegando ao registro do olhar do estrangeiro, Nael esmera-se em trançar o imaginário libanês e indiano, ampliando o desenho de redes de sentidos que deslindam a imagem da presença do estrangeiro no seio da sociedade manauara do século XX. Errante nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa, o indiano é portador de uma plasticidade que se espraia pela adjacência do pensamento de que *“o estrangeiro fortifica-se com esse intervalo que o separa dos outros e de si mesmo, dando-lhe um sentimento altivo, não por estar de posse da verdade, mas por relativizar a si próprio e as demais, quando estes encontram-se nas garras da rotina da monovalência* (KRISTEVA, 1994, p.14).

Separado do mundo indiano, mas trazendo-o dentro de si, Rochiram rascunha outros itinerários para a travessia dentro do labirinto da vontade de despregar-se de si, bem como rasura a superfície da verdade una, colocando-se como um ator social munido da abertura dialógica que lhe permite reconhecer a própria estrangeiridade, logo, participante de uma teia discursiva entrelaçada pela projeção dos paradoxos de alteridades em devir. A ausência do enraizamento no território de um imaginário estático/monolítico revela-se um traço que se sobressai na vida do indiano, conforme se nota na topografia do narrador Nael:

O indiano falava pouco. Ele vivia em trânsito, construindo hotéis em vários continentes. Era como se morasse em pátrias provisórias, falasse línguas provisórias e fizesse amizades provisórias. O que se enraizava em cada lugar eram os negócios. Ouvira dizer que Manaus crescia muito, com suas indústrias e seu comércio. Viu a cidade agitada, os painéis luminosos com letreiros em inglês, chinês e japonês. Percebeu que sua intuição não falhara. Quando Zana não compreendia a algaravia de Rochiram, ela perguntava ao filho: “o que esse estrangeiro está querendo dizer?”. O caçula traduzia para o português, encerrava a conversa, tinha pressa de ir embora com Rochiram. Rochiram foi à loja conversar com Rânia. Parecia um estranho, contou Rânia depois do encontro. Foi breve, seco, sequer mencionou o nome dos gêmeos. Disse em espanhol: “Trouxe uma proposta para encerrar o assunto”. Entregou o envelope lacrado e se despediu. Ela intuiu o teor do documento; mesmo assim, quando leu a carta diante de mim, empalideceu. Rochiram exigia uma fortuna em troca do que havia pagado a Yaqub pela execução dos projetos de engenharia e, a Omar, pela comissão do terreno. Além disso, perdera muito tempo com esse negócio. Ameaçou-a com um processo, escreveu que já conhecia pessoas influentes, “as mais poderosas da

cidade”. Rania pediu um prazo: “Alguns meses para arrumarmos a nossa vida” Contou à mãe a exigência de Rochiram. Disse que faria tudo para evitar um processo de Yaqub contra Omar. “Esse indiano é um aventureiro”, disse Zana. Uma sanguessuga! A comida que eu preparei para esse ingrato... Só faltei dar na boca desse parasita amarelão! Acabou com o futuro do meu filho! (HATOUM, 2000, p.236).

Em *Pátrias imaginárias* (1994), Salman Rushdie desenvolve uma arguta reflexão sobre o processo de escrita dos artistas indianos no contexto dos deslocamentos globais, pondo em revelo a condição migrante dos escritores contemporâneos e seu respectivo papel de tradutores das cenas do contato entre diferentes culturas. Transposta para a paisagem textual hatouniana, a linha de raciocínio de Rushdie torna-se bastante fecunda, haja vista o narrador brasileiro Nael estampar o trânsito de Rochiram pelas fronteiras de vários continentes, bem como figurá-lo dentro das franjas do pensamento das “*pátrias provisórias, imaginárias, das línguas provisórias e das amizades provisórias*”.

O indiano traz como traço de sua alteridade flutuante o projeto de não se fixar no mundo visitado por ele, optando por perambular pelas outras zonas espaciais para verificar as possibilidades de ampliação das atividades comerciais. Esse deslocamento expõe os contrastes entre o mesmo e o outro, escandindo o ritmo de múltiplas vozes que se cruzam num lugar de intersecção onde o indiano reconhece-se estrangeiro a si mesmo.

Colocado em movimento de partilhas, o contato do indiano Rochiram, da libanesa Zana e dos brasileiros Yaqub, Omar e Rânia torna-se um dos veios narrativos para os quais converge a figuração do narrador Nael. Ademais, o caçula Omar atua como tradutor para Rochiram, a irmã Rânia desempenha a função de mediadora e Yaqub exerce a tarefa de engenheiro que chancelaria e o projeto do indiano de implantar um pólo comercial na sociedade manauara.

Por caminhos distintos, os três filhos dos libaneses encontram-se ligados ao indiano, trazendo como consequência a perda do lar dos pais e a necessidade de morar numa outra espacialidade onde Rânia e Zana teriam de reescrever as páginas de suas histórias entrecruzadas cujas ramificações imprimem a urgência de (re)planejar outros trajetos que flagrem o encontro entre latitudes planetárias.

Através da (re)conecção de duas regiões híbridas - a indiana e a brasileira - o narrador Nael desenha um mapa da diferença que aproxima geografias, reembaralhando saberes que circulam pelas frestas dos espaços de reconversões do outro. Desse ponto de vista, depreende-se que a de figuração da personagem indiana Rochiram e seu relacionamento com os brasileiros herdeiros testemunha como *“o fora e o dentro delineiam-se no texto, colocando homem/personagem no espaço da passagem, do trânsito* (WALTY, 2003, p. 29).

O fora figurado por Rochiram e o dentro projetado pelos filhos dos estrangeiros nascidos em Manaus cartografam os enlaços disjuntivos de relações interculturais que apontam para o friccionamento da memória dos deslocamentos do alheio pelo território do próprio. De fato, Nael reconstrói pequenas fatias da cena do diálogo visto como uma variante para perceber a abrangência da estranheza que atravessa a topografia da voz, do corpo, do espaço, do tempo e da cultura do outro que desliza pelos labirintos da diferença.

Seguindo nessa direção, a figuração do indiano Rochiram firma-se enquanto um exercício de aceitação que não significa apenas reconhecer a coexistência do ponto de vista diverso, mas sim oportunizar a coabitação de atores que flanam no cenário do fragmento de experiências inter-relacionais içadas pela concepção de que *“os seres humanos não se apercebem das coisas no seu todo, mas sim criaturas feridas, lentes rachadas, capazes apenas de percepções fracturadas. Seres parciais, em toda acepção da palavra”* (RUSHIDIE, 1994, p. 27). Rochiram tem suas lentes de vivência rachadas, pois consegue aderir à parte de seu imaginário de comerciante, necessitando interagir cultural, linguística e economicamente com os brasileiros filhos de libaneses para agalhasar a outra face de si que solicita o contato com os do espaço manauara.

Guiado pelo projeto de friccionar histórias contactuais, Nael continua a travessia pelos labirintos de pátrias itinerantes cujas trilhas hospedam também as sinuosidades da cultura francesa, representada na narrativa por meio do professor de francês Antenor Laval. Esse docente desenvolve com Omar relações de solidariedade a partir do campo da leitura de livros, poema, as aulas de literatura e língua francesa. As culturas francesa e brasileira embaralham-se. Com isso, Omar e Laval solidarizam-se cultural e educacionalmente, abrindo caminhos vários para disseminar o intercâmbio entre Brasil

e França no contexto do imaginário manauara.

Ninguém ali era “três raisonnable”, como dizia o mestre francês, ele mesmo um excêntrico, um dândi deslocado na província, recitador de simbolistas, palhaço da sua própria excentricidade. Não ensinava gramática, apenas recitava, barítono, as iluminações e as verdes neves de seu adorado simbolista francês. Quem entendia essas imagens fulgurantes? Todos eram atraídos pelos encantos da voz, e alguém, num átimo, apreendia algo, sentia uma fulguração, desnor-teava-se. Depois da “aula” na calçada do Café Mocambo, ele fazia loas a Diana, a deusa de bronze, beleza esbelta da praça das Acácias (HATOUM, 200, p. 36).

Pelas lentes do olhar de Nael, o francês Antenor Laval tem seu mundo de vivência traduzido. Um estrangeiro que ri dá própria condição de passante da terra alheia, mas que dissemina os traços da cultura européia no sistema educacional amazônico. Como um intelectual, exercendo a função de professor, Laval introduz os educandos nos meandros da música, do letramento da poesia francesa, deixando a marca do imaginário estrangeiro na vida dos manauaras.

O processo de ensino-aprendizagem da literatura de outrem, através das leituras, discussões e recitações, confere aos estudantes a possibilidade de entrar pelas portas da cultura alheia, agregando o percurso das interações entre línguas, imagens e saberes. A alteridade do professor de francês é “*uma constelação de horizontes que se agrupam e assumem para si e para o outro uma margem visível*” (BRANDÃO, 2000, p.52). A imagem do outro trazido por Laval articula maneiras para que se figurem trocas culturais que abraçam aspectos concernentes à língua, à cultura, à educação e à sociedade. Além de figurar a aproximação entre Omar e Laval, o universo da leitura, tradução e recitação dos textos literários franceses ramifica-se na própria compleição da ambiência cultural, educacional e geográfica de Nael.

Oscilando entre eu que diz o outro e o eu que reconhece o outro de si, o narrador hatouniano seleciona a face estrangeira francesa de Laval para escavar o investimento simbólico da presença alheia na reconversão da alteridade de Omar, adentrando na própria esfera labiríntica do agasalhamento da alteridade daquele que narra – sujeito congregador da imagem fortuita de que o “*Outro serve para escrever, para pensar e para sonhar outra maneira*” (PAGEAUX, 1996, p. 72). Ao registrar a presença de Laval, Nael solidariza-se com a cartografia de estrangeiridades que convidam ao intercâmbio, aos diálogos, às entranças e às fricções. Seu percurso de cartógrafo do

alheio e do próprio quebra as cercanias da imagem unilateral, apostando na fecundidade na figuração do outro no entre-lugar de histórias globais embaladas pelo ritmo de culturas híbridas.

À medida que escorrega pelo limiar da margem da memória do libanês Halim, do indiano Rochiram e do francês Antenor Laval, o narrador mediador brasileiro Nael promove o encontro de parte das *“culturas do mundo, tendo em conta força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras, ao mesmo tempo”* (GLISSANT, 20005, p. 86). A opacidade da alteridade de libanês, do indiano e do francês não é reduzida à transparência da alteridade de Nael, pois, ao conviver com essas três faces do outro, o narrador perfila os ecos do uno e do diverso que entrelaça e multiplica a figuração de tempos difratados cujas interconexões desvelam o trajeto de seres em deriva pela paisagem de um mundo aberto à passagem pela memória de outrem.

Nesse ínterim de vaivéns constantes - erguidos pelo elogio do movimento e pelo ato de religar-se e desligar-se - as (topo)grafias do outro ampliam as estações do diálogo com as geografias da diferença, figurando personagens cuja arte do deslocamento não despreza a deriva, os desvios e as ambiguidades de um mundo duplo, repleto de paradoxos que repousam sobre a união dos contrários.

Por esta percepção de si, o narrador Nael vive *“entre mundos”*, conforme diria Said (1995), cartografando os vestígios da diferença que desliza pela dimensão simbólica de uma Manaus flutuante. Esse mundo em fricção encontra-se acoplado à travessia que une, liga e costura destinos de sujeitos cujas vidas paroxísticas reconhecem a estrangeiridade da face de si para perambular pelos labirintos da memória de personagens oblíquas que apontam para uma *“maneira de olhar o próximo e a si próprios”* (CALVINO, 2009).

3. (Carto)grafias de olhares a Sul de si - passagens triangulares e paisagens transnacionais

Por caracterizar-se em face da mutabilidade do ato de reescrever trajetos apagados da memória coletiva, içada pelo cordão do esquecimento e da lembrança, o projeto de narrar/ figurar o estrangeiro, em *DI*, chancela reaberturas das páginas da

enciclopédia do tempo simultâneo, carregado de estrangeiridades, desconhecimentos e testemunhos que referendam a participação do outro numa carpintaria discursiva cujo artífice da narração reconhece-se estranho na própria casa, mas se sente participante acolhido no território alheio. As amarrações dos estranhamentos experimentados pelo caminhante desenham modos de “*viver subjetivamente o outro, viver com os outros sem nivelar as diferenças*” (KRISTEVA, 1994, p. 9).

No contato com o outro, Nael pensa o estágio do narrar o outro de si é, rascunhando trilhas interpretativas de como deixar o outro falar sem rechaçá-lo, dando-lhes a chave do discurso que abra as portas da vastidão de seu ser duplo, desdobrado em múltiplas faces contextuais da vida enlaçada pelo sentimento de estrangeiridade. Reconhecendo-se estrangeiro a si mesmo, Nael conjuga várias formas de alteridades, deixando-as espalhar a perda do sentido de pertença única para experimentar veredas abertas cujos contornos auxiliem na reconstrução da (geo)grafia da travessia do estrangeiro no cenário da cultura nacional.

Destarte, intersectadas em seu movimento de (des)encontro, as passagens triangulares e paisagens transnacionais do Líbano, da Índia e da França figuradas pelo narrador brasileiro Nael desenham o percurso de seres errantes, nômades e des(re)territorializados, atravessando os labirintos de *DI* para traduzir o movimento, a distância e o descolamento do outro que desliza pelas (carto)grafias de olhares ao Sul do reconhecimento da estrangeiridade de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Literatura comparada e relações comunitárias, hoje**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2012.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999.
- BRANDÃO, Luis Alberto. **Línguas estranhas**. In: PEREIRA, Maria Antonieta. Trocas culturais na América Latina. Belo Horizonte, Poslit/FALE/UFMG. Nelan, 2000.
- CALVINO, Italo. **O miolo do leão**. In. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- FANTINI, Marli. **Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas**. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim (Org.) São Paulo, Boitempo, 2004.

GLISSANT, Édouard. **Introdução à poética da diversidade**. Editora da UFJF, Juiz de Fora, 2005.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RUSHIDIE, Salman. **Pátrias imaginárias: ensaios e textos críticos 1981-1991**. Trad. Helena Tavares, Ana Vilela, Filomena Pereira. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1994.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

WALT, Ivete Lara Camargos. **Geografias drummondianas: caminhos e fronteiras**. In: MASINA, Léa; CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. Representações Literárias na América Latina: textos de literatura comparada. Organon, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.